



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. A vida sexual nos anos da juventude: da análise reichiana sobre a moral patriarcal à atual proposta de orientação da sexualidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

1

A VIDA SEXUAL NOS ANOS DA JUVENTUDE: DA ANÁLISE REICHIANA SOBRE A MORAL PATRIARCAL À ATUAL PROPOSTA DE ORIENTAÇÃO DA SEXUALIDADE

**Sandra Mara Volpi
Sonia Ana Charchut Leszczynski**

RESUMO

Os jovens encontram-se em uma situação de vulnerabilidade mediante a questão sexual. Expostos ao risco de engrossarem as alarmantes estatísticas a respeito de DSTs e dos índices de casos notificados da moderna pandemia de infecção pelo HIV (vírus da AIDS), bem como a se tornarem mães e pais muito precocemente, os adolescentes são os mais atingidos pela falta de informação e orientação a respeito de sexo e sexualidade. Por outro lado, ao organismo que alcança a maturidade sexual, abre-se a possibilidade da experimentação de uma nova modalidade de prazer, a saber, por meio da genitalidade. Desde Reich (1983) credita-se à proteção da autorregulação a manutenção da saúde, tanto física quanto emocional, necessária a essa nova etapa da vida. Reich defendeu que medidas educativas direcionadas às crianças e aos jovens deveriam orientar-se pelos interesses destes – tanto mais plenos em vigor biológico quanto menor o encorajamento a que tenham sido expostos – e não pelos interesses de educadores enrijecidos, representantes de uma moral sexual repressiva imposta pela organização patriarcal da sociedade.

Palavras-chave: Educação Sexual. Orientação Sexual. Sexualidade.

A adolescência estende-se, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), dos 10 aos 19 anos de idade. Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o jovem brasileiro está entre os 12 e os 18 anos (CAVALCANTI, [2008?]).

A sexualidade, presente desde a infância sob variadas formas e domínios, aproxima-se da genitalidade nos anos adolescentes e a relação sexual com um parceiro passa a ser o corolário de uma sexualidade madura. Mais do que cumprir uma função fisiológica, a sexualidade na adolescência caracteriza-se por demarcar a fronteira entre a infância e a idade adulta, focalizando-se em uma validação da capacidade genital. (TAVARES, [2008?]).

“O ato permite ao jovem reconhecer esse novo corpo e essa nova imagem corporal como os de um sujeito genitalmente capaz e, assim,



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. A vida sexual nos anos da juventude: da análise reichiana sobre a moral patriarcal à atual proposta de orientação da sexualidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

2

apropriar-se, imaginariamente, de seu papel de ser sexuado.” (TAVARES, [2008?], p. 36).

Em construção desde a infância também se encontra a identidade. Esta, sob risco de fragmentar-se em tantas partes quanto são os papéis assumidos pelo adolescente, encontra também na sexualidade uma maneira de se reafirmar e estabilizar. Experimentando a afetividade, o adolescente dá sequência à empreitada de construir a si mesmo. (PINTO, 1997).

A experiência sexual na adolescência também pode trazer outras consequências, que atingem tanto o jovem quanto as instituições sociais nas quais está inserido. Anualmente, ao redor do mundo, um número em torno de 14 milhões de adolescentes dá à luz. Entre os países desenvolvidos, os Estados Unidos apresentam o maior número de casos de gravidez precoce, dos quais 82% não foram planejados. (SILVA; ROSSI, [2008?]).

Antes dos 15 anos, 14% das jovens brasileiras tornam-se mães. (CAVALCANTI, [2008?]). Por todo o Brasil, 80,3% do total de internações de jovens por meio do Sistema Único de Saúde (SUS) têm como motivação a gravidez, o parto e o puerpério. Partindo-se da estimativa datada do final do século XX, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2000, *apud* SILVA; ROSSI, [2008?]), de que a população brasileira era composta por 36 milhões de adolescentes, chega-se aos dados do Ministério da Saúde que apontam que um milhão destes, com menos de 20 anos, têm engravidado anualmente. Das adolescentes brasileiras entre 10 e 19 anos que não são mães, 80% estão na escola; enquanto isso, entre as que estão gerando ou já geraram uma criança, apenas duas entre dez prosseguem estudando, ou seja, o número alcança somente 20%. Ao mesmo tempo, “[...] segundo a Comissão Nacional de População e Desenvolvimento, em 2003 os abortos representaram 16% das mortes maternas de mulheres de 15 a 24 anos nas regiões mais pobres do país” e “[...] os números para as adolescentes que passam pelo SUS para corrigir sequelas de abortos malfeitos crescem a cada ano.” (SILVA; ROSSI, [2008?], p. 91).

Tavares ([2008?], p. 33) hipotetiza que, assim como nas sociedades tradicionais a sexualidade do adolescente era apaziguada em rituais de



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

3

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. A vida sexual nos anos da juventude: da análise reichiana sobre a moral patriarcal à atual proposta de orientação da sexualidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

passagem, em nossa sociedade, “A paternidade precoce e a gravidez na adolescência podem constituir atos em busca do reconhecimento social de um ser sexualmente capaz.”

“Para muitas jovens, ser mulher ainda equivale a ser mãe. Surge, assim, o trinômio adolescente-mãe-mulher, em que a gravidez é via de acesso à feminilidade.” (DADOORIAN, [2008?], p. 89).

No Paraná, “Uma em cada cinco crianças nascidas vivas foi concebida por mãe adolescente, em 2006, representando 20,7%.” (OBSERVATÓRIO REGIONAL BASE DE INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE (ORBIS), 2009).

Números alarmantes também revelam as estatísticas sobre a contaminação de adolescentes pelo vírus HIV¹: em 2007, da estimativa média de 33,2 milhões de pessoas vivendo com HIV no mundo, 2,5 milhões tinham menos de 15 anos. Este número era de 1,5 milhão em 2001 (PROGRAMA CONJUNTO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE HIV/AIDS² (UNAIDS); ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS), 2007), o que se traduz, então, em um crescimento superior a 60%. Só em 2006, 40% dos novos casos registrados foram de pessoas entre 15 e 24 anos. (UNAIDS; OMS, 2006, *apud* FIALHO, [2008?]). “Todos os dias, cerca de 6800 pessoas são infectadas por HIV e 5700 morrem de AIDS, principalmente em função do inadequado acesso aos serviços de prevenção e tratamento ao HIV³.” (UNAIDS; OMS, 2007, p. 4).

O “[...] Programa Nacional de DST/AIDS, [...] revelou a existência de 55.060 infectados de 0 a 24 anos, representando 15,2% dos casos notificados no período de 1980 a junho de 2004. Na faixa etária de 13 a 24 anos, a via sexual foi a principal forma de transmissão.” (FIALHO, [2008?], p. 94-95). Em 2007, especificamente entre os 13 e os 24 anos de idade, eram 54.965 os casos de infecção por HIV, o que levou os órgãos competentes a incluírem um novo bloco temático, voltado a esse assunto, no Boletim Epidemiológico nacional publicado regularmente. Tal Boletim revela ainda que 80% dos casos de infecção por HIV notificados entre 2000 e 2006 faziam parte da faixa etária

¹ HIV é a sigla, na língua inglesa, para vírus da imunodeficiência humana.

² Aids é a sigla, na língua inglesa, para síndrome da imunodeficiência adquirida.

³ Tradução livre da autora deste artigo, do original na língua inglesa.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. A vida sexual nos anos da juventude: da análise reichiana sobre a moral patriarcal à atual proposta de orientação da sexualidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

4

acima mencionada – 13 a 24 anos de idade. Outro dado importante é que desde “[...] 1998 houve inversão da razão de sexo dos casos de AIDS em jovens de 13 a 19 anos, tendo por referência a totalidade dos casos do Brasil em que o sexo masculino predomina.” Em 2005, havia seis homens jovens infectados para cada dez mulheres na mesma condição, sendo que a transmissão, entre as meninas, ocorreu predominantemente em relações heterossexuais. (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE. PROGRAMA NACIONAL DE DST E AIDS, 2007, p. 4). No Paraná, 69% dos casos notificados de infecção por HIV, em 2006, na faixa etária entre 15 e 19 anos, referem-se ao sexo feminino. (ORBIS, 2009).

Assim, segundo o Fundo das Nações Unidas para a População (UNFPA, [2009?]),

Pessoas jovens permanecem no centro da epidemia de AIDS em termos de taxas de infecção, vulnerabilidade, impacto e potencial para mudança. Elas devem também estar no centro de ações de prevenção. Dados recentes mostram que onde pessoas jovens são bem informadas sobre os riscos e as estratégias de prevenção, o comportamento está mudando: a educação focalizada tem levado a se postergar a iniciação sexual e a se aumentar o uso de preservativos em diversas áreas, as quais têm também mostrado um decréscimo da prevalência de HIV em pessoas jovens. Mas esforços para incrementar o conhecimento a respeito do HIV entre os jovens permanecem inadequados.⁴

Todos os dados estatísticos expostos até o momento, neste artigo, são importantes por confirmarem o que, na prática, constata-se mesmo sem o auxílio das pesquisas e dos levantamentos: o acesso à informação relativa ao sexo e a orientação sobre a sexualidade e sua experimentação têm, ambos, falhado sobremaneira.

Apresenta-se então um grave caso de saúde pública ao qual grande atenção deve ser voltar, tanto pelas restrições impostas pela maternidade e paternidade precoces quanto pela possibilidade de adoecimento.

Por outro lado, há que se considerar, também, que a atenção à sexualidade não se restringe ao potencial crescimento de questões de saúde em termos terapêuticos, mas que a sexualidade representa liberdade e prazer,

⁴ Tradução livre da autora deste artigo, do original na língua inglesa.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

5

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. A vida sexual nos anos da juventude: da análise reichiana sobre a moral patriarcal à atual proposta de orientação da sexualidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

componentes de uma vida equilibrada e, portanto, necessários a iniciativas profiláticas.

Cabe então perguntar: em que espaço(s) social(is) a informação e a orientação a respeito da sexualidade deve(m) se dar? Se, em um extremo da questão, temos adolescentes engravidando precocemente e contraindo infecções e doenças, o que temos no extremo oposto? Quem está lá ou quem deveria estar? Se, igualmente, de um lado, a consciência a respeito do exercício da sexualidade como um direito e, incluindo-se a responsabilidade que tal exercício acarreta, torna-se ato de cidadania, está cada vez mais distante da sexualidade na adolescência, de outro lado, que medidas, instituições e atores sociais estão favorecendo este quadro?

Um caminho que explica – embora não justifique – a degradação da sexualidade na sociedade atual e, especialmente, os malefícios que uma atitude negligente perante o sexo tem acarretado à população jovem, diz respeito justamente à dúvida sobre quem deve assumir a educação sexual das crianças e dos adolescentes, e a consequente ausência de compromisso de todas as partes envolvidas.

Sendo a sexualidade um tema considerado tabu há séculos, nem família, nem escola têm assumido seu devido papel na composição da educação e da orientação da sexualidade.

Atualmente, diferencia-se educação sexual de orientação sexual.

A primeira refere-se ao conjunto amplo de aprendizagens sobre sexualidade, muitas vezes transmitidas de maneira informal, na família, em setores da comunidade – como a igreja – e também por meio da mídia ou outros meios de informação.

Pelo menos é assim que deveria ser...

Enquanto isso, a segunda – orientação sexual – é um trabalho a ser desenvolvido no âmbito da escola. (AZEVEDO; MOREIRA; CONFORTO, 2001). O termo deriva de orientação educacional, “[...] definindo-se como o processo de intervenção sistemática na área da sexualidade [...]” (GRUPO DE TRABALHO E PESQUISA EM ORIENTAÇÃO SEXUAL (GTPOS); ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA INTERDISCIPLINAR DE AIDS (ABIA); CENTRO



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. A vida sexual nos anos da juventude: da análise reichiana sobre a moral patriarcal à atual proposta de orientação da sexualidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

6

DE ESTUDOS E COMUNICAÇÃO EM SEXUALIDADE E REPRODUÇÃO HUMANA (ECOS), 2004, p. 26). A orientação sexual tem por tarefa fornecer informações sobre a sexualidade, ao mesmo tempo em que se oferecem possibilidades de refletir a respeito de crenças e valores, questionando posturas e possíveis tabus presentes nos relacionamentos e no comportamento sexual. Sua prática torna possível “[...] a implantação de uma política educacional que busca formar cidadãos plenos em todas as suas dimensões” (GTPOS; ABIA; ECOS, 2004, p. 9).

A orientação sexual está presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) como tema transversal desde 1998. De acordo como os próprios PCN, a sexualidade é característica presente nas pessoas “[...] do nascimento até a morte.” (BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, 1998a, p. 287). Além disso,

Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. [...] Inclui a importância da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/AIDS e da gravidez indesejada na adolescência, entre outras questões polêmicas. (BRASIL... 1998a, p. 287).

Incluir a orientação sexual nos PCN fez parte do esforço para contemplar, por exemplo, dado de pesquisa realizada em 1993 pelo Instituto DataFolha segundo o qual “86% das pessoas são favoráveis à Orientação Sexual nas escolas.” (GTPOS; ABIA; ECOS, 2004, p. 19). Esta opinião certamente cresceu a partir “[...] dos anos 80 [...]” junto com a “[...] preocupação dos educadores com o grande crescimento da incidência de gravidez indesejada entre as adolescentes e com o risco da infecção pelo HIV (vírus da AIDS) entre os jovens.” (BRASIL... 1998a, p. 291).

Cabe citar que por “transversal”, os órgãos responsáveis pela educação brasileira entendem “[...] questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas na vida cotidiana” (BRASIL... 1998b, p. 17), elencando, junto com a orientação sexual, a ética, a pluralidade cultural, o meio ambiente, a saúde, assim como trabalho e consumo. (BRASIL... 1998b).

A orientação sexual nas escolas tem como intuito abarcar “[...] as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

7

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. A vida sexual nos anos da juventude: da análise reichiana sobre a moral patriarcal à atual proposta de orientação da sexualidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista.” (BRASIL... 1998a, p. 287)

Novamente: pelo menos é assim que deveria ser...

Seria correto afirmar que o dado de que 86% das pessoas concordam com a orientação sexual nas escolas, apresentado anteriormente, além de ser fruto da necessidade da sociedade moderna – que se vê às voltas com a premência do controle da natalidade e das epidemias –, é também decorrente de uma consciência da responsabilidade da escola frente à sexualidade, ou apenas resultado do movimento pelo qual a família, cujo modelo tradicional está em franca decadência, delega parte ou a totalidade de suas tarefas educacionais para alguma instância fora de si mesma?

Como informação eminentemente biológica, focalizando-se especialmente a questão reprodutiva – ou seja, sexo –, boa parte da chamada educação ou orientação sexual tem se sustentado. Esse foco na visão biológica do sexo, ainda remanescente tanto na família quanto na escola tem reiteradamente desconsiderado a sexualidade como tradução pessoal e cultural da vida sexual, em sociedade. Falar de sexualidade, nesses termos, relaciona-se com a orientação de cada indivíduo ao prazer. Inclui um rol de experiências muito mais amplo que a relação genital madura, pois está presente desde o nascimento e implica diretamente na formação do ser humano como ator social, dada a influência inegável sobre sua identidade.

Certamente a diferenciação entre sexo – “[...] marca biológica, caracterização genital e natural [...]” (BATISTA, 2008, p. 97) – e sexualidade – “[...] conjunto dos fenômenos da vida sexual [...], algo exclusivamente humano” (BATISTA, 2008, p. 97) –, bem como o afastamento “científico” entre os termos têm sido em boa parte responsável pela dificuldade em se definir tanto o papel da escola quanto da família na educação e na orientação da sexualidade.

Segundo Foucault (1985), historicamente, o efeito do discurso do sexo, mesmo como tabu, não refreou “[...] a vontade de saber [...] mas se obstinou – sem dúvida através de muitos erros – em constituir uma ciência da sexualidade.” (FOUCAULT, 1985, p. 17-18). Esse é um ponto que muito nos



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

8

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. A vida sexual nos anos da juventude: da análise reichiana sobre a moral patriarcal à atual proposta de orientação da sexualidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

interessa, quando buscamos as origens da confusão entre se educar a respeito do sexo e se orientar a sexualidade.

Reich (1986) chama atenção para o fato de que não se frustra, por exemplo, a necessidade de nutrição, mas a sexualidade sim, e isso gera recalçamento. Segundo o autor, o Estado exige dos adultos uma atitude obediente e submissa e, como seu reflexo, os pais exigem dos filhos igualmente uma atitude obediente e submissa.

A miséria psíquica e sexual das crianças é a primeira consequência da repressão sexual pelos pais, à qual se junta então a repressão intelectual pela escola, o embrutecimento espiritual pela Igreja e finalmente a opressão e a exploração material pelos empreiteiros e patrões. (REICH, 1986, p. 67).

Reich (1986; 1988a; 1988b) dedicou boa parte de seu trabalho a delatar a estreita relação entre os interesses econômicos da sociedade capitalista e o controle sobre a sexualidade. Tomando como ponto de partida os estudos realizados pelo antropólogo Bronislaw Malinowski a noroeste da Melanésia, nas Ilhas Trobriand, dos quais resultou, entre outras, a obra “A vida sexual dos selvagens” (1983), Reich (1988a) analisou a moral sexual que se desenvolvia na sociedade trobriandesa em comparação com a sociedade neurótica na qual vivia e até hoje vivemos, reconhecendo suas diamétricas diferenças em termos de liberdade sexual e, por outro lado, também os pontos de convergência entre ambas, em relação ao controle da sexualidade com fins econômicos.

Nas Ilhas Trobriand, cuja organização original era matrilinear, ou seja, onde os clãs e subclãs surgiam respeitando-se a ideia de que mãe e filho são feitos da mesma substância, e de que a relação entre pai e filho era secundária, a atitude perante a sexualidade era o que Reich (1988a) chamou de positiva: ultrapassava significativamente o limite da simples tolerância e alcançava o território da aceitação.

Desde a infância, as crianças trobriandesas eram livres e independentes em termos sexuais, tanto no que tange aos jogos entre membros de uma mesma faixa etária quanto ao testemunho da vida sexual dos mais velhos (inclusive dos próprios pais).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

9

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. A vida sexual nos anos da juventude: da análise reichiana sobre a moral patriarcal à atual proposta de orientação da sexualidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

O mais importante, segundo Reich (1988a), não era o fato de as crianças trobriandesas praticarem jogos sexuais ou presenciarem o ato sexual entre os mais velhos, pois isso era e é também comum entre as crianças de nossa sociedade, mas o essencial era a atitude do meio social perante a sexualidade natural emergente. Era isso que determinava o valor econômico-sexual de uma e de outra, ou seja, a forma como cada qual administrava a sexualidade de seus membros como assunto cultural. Assim, é fundamental considerar a importância das atitudes psíquicas conscientes e inconscientes que acompanham a liberdade ou a restrição sexual, atitudes estas que se tornam mais importantes que a própria atividade sexual quando o objetivo é discutir a função da sexualidade em termos culturais e sociais.

Durante a juventude, os nativos das Ilhas Trobriand continuavam gozando da liberdade sexual experimentada na infância, mediante novas experiências com membros do sexo oposto, incluindo-se, então, a genitalidade. Havia, na comunidade, locais específicos – casas para solteiros – destinadas ao encontro amoroso entre os jovens. Os casais jovens, apesar de serem livres para partilhar da mesma cama todas as noites, optavam por se encontrar furtivamente, sem regras pré-estabelecidas, leis ou costumes tribais. Havia, além das chamadas casas para solteiros, o hábito de se realizar expedições de grupos de rapazes e de moças a outras tribos que compartilhassem dos mesmos costumes, com objetivo de encontrar satisfação sexual. (MALINOWSKI, 1983, *apud* REICH, 1988a). Quanto a estas expedições, bem como às cerimônias de cunho sexual, realizadas na tribo, não havia recusa, resistência interna ou inibição exterior frente ao objetivo final, ou seja, a satisfação sexual, o que levava à ausência de ansiedade e de sentimentos de culpa. (Reich, 1988a).

Reich (1988a) sublinhou que monogamia, poligamia e até mesmo promiscuidade não tinham, na organização matriarcal, nenhum significado, como o possuem na sociedade capitalista. Por outro lado, não se deve pensar no trobriandês como um maníaco sexual que, considerando-se a liberdade em que vive, não fazia mais nada na vida que não fosse sexo. Os costumes sexuais dos nativos não passavam de forma alguma pelas vias da orgia e do



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

10

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. A vida sexual nos anos da juventude: da análise reichiana sobre a moral patriarcal à atual proposta de orientação da sexualidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

desrespeito, o que é, por outro lado, mais uma das maneiras de nossa sociedade de lidar com a sexualidade.

Justamente pelo fato de não haver restrição a nível sexual, o trobriandês estava completamente em contato com sua capacidade natural de autorregulação em termos de busca pelo prazer, o que o levava à prática sexual em momentos adequados a si próprio(a) e a seu(sua) parceiro(a) e tornava suas relações satisfatórias e duradouras, e não neuróticas e compulsivamente mantidas como em nossa sociedade. Daí haver a esperança, em Reich (1983; 1986; 1988a; 1988b) de que a autorregulação poderia prover a chave para os problemas neuróticos da sociedade capitalista, muito embora Foucault (1985) tenha considerado essa uma estratégia normatizadora, em sua constatação sobre os mecanismos semelhantes entre o poder vigente e o discurso sobre a repressão da sexualidade.

A realidade é que perversões sexuais estavam completamente ausentes das Ilhas Trobriand e eram consideradas pelos nativos como miseráveis substitutos da relação sexual natural; eram atos maus e indignos.

O trobriandês desenvolvia assim um orgulho genital e um sentido de honra correspondente.

O casamento era, como na sociedade capitalista, uma instituição nas Ilhas Trobriand, embora não implicasse em qualquer tipo de cerimônia. Ao atingir certa maturidade, a relação entre os nativos poderia tornar-se casamento, e essa maturidade era demonstrada pela durabilidade e pela aparição pública frequente dos jovens em companhia um do outro, configurando então casais. O casamento era acompanhado por particularidades, como a monogamia. A fidelidade era exigida e o adultério punido. Surgia aí uma possível primeira contradição entre a vida genital livre anterior ao casamento e a sua restrição a um único parceiro, após o estabelecimento deste. A monogamia só não era obrigação do chefe da tribo, ao qual a poligamia era permitida, inclusive pelo fato de implicar na manutenção de seu status de liderança. Isto ocorria porque, segundo as tradições tribais, que excluíam o pai biológico como responsável pela transmissão de tais tradições à sua descendência, a figura do irmão materno



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

11

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. A vida sexual nos anos da juventude: da análise reichiana sobre a moral patriarcal à atual proposta de orientação da sexualidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

era enfatizada como o verdadeiro chefe da família. O irmão da mãe protegia seus sobrinhos a partir da adolescência, ensinava-lhes ritos mágicos e ideais do clã. Era ele também quem fornecia o dote (suprimentos anuais de alimentos) ao cunhado, ao longo de toda a sua vida; toda e qualquer posse que tivesse seria, mais tarde, herança para seus sobrinhos. (MALINOWSKI, 1983, *apud* REICH, 1988a).

Reich (1988a) reconheceu aí uma segunda contradição e o nascimento da moral sexual repressiva. Sendo o chefe da tribo o único de quem não se exigia a monogamia, era com os vários dotes que recebia que empreendia cerimônias e festividades para a tribo, mantendo assim, sua posição. E era justamente pelo interesse de manutenção do poder inerente à linhagem do chefe que a este também era garantido o casamento de seu filho homem com sua própria sobrinha; desta maneira, o filho do chefe receberia o dote de seu primo, irmão da sobrinha do chefe, o que implicava em um retorno à sua própria linhagem da fortuna paga, como dote, pelo chefe, a seu cunhado. O casamento entre primos cruzados eram arranjados desde a infância. O chefe pedia a filha de sua irmã em casamento em nome de seu filho; a irmã, pelas leis tribais, não poderia negar o pedido. Uma vez efetuado o acordo de casamento, o filho do chefe e sua sobrinha deveriam permanecer castos até que se casassem, sendo o chefe e sua irmã os responsáveis por zelar por sua castidade. (MALINOWSKI, 1983, *apud* REICH, 1988a). Este costume contrariava por completo as tradições trobriandesas inerentes à organização matriarcal, além de estabelecer, definitivamente, o poder masculino e, com ele, o patriarcado.

O intuito de Reich (1988a) em comparar a restrição da sexualidade de uma sociedade dita primitiva à nossa foi relacionar tal restrição aos interesses econômicos em diferentes culturas e em diferentes épocas, reconhecendo semelhança entre as estratégias de ambas as culturas. Não foi objetivo de Reich (1988a) afirmar um ideal de organização e de atitude frente à sexualidade que simplesmente pudesse ser transposto – de maneira até mesmo ingênua – de uma sociedade à outra, pois isso seria negar as limitações da liberdade sexual dos trobriandeses, reveladas tanto pelo arranjo



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

12

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. A vida sexual nos anos da juventude: da análise reichiana sobre a moral patriarcal à atual proposta de orientação da sexualidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

dos casamentos em sua sociedade, conforme descrito acima, quanto pela ausência de conhecimento a respeito da anatomia e da fisiologia do sexo, bem como do funcionamento do processo de reprodução (MALINOWSKI, 1983, *apud* REICH, 1988a) – desconhecimento este que não chamaria atenção não fosse o amplo e detalhado saber de outras funções fisiológicas e da anatomia geral do corpo surpreendentemente desenvolvido pelos trobriandeses, a despeito dos limites tecnológicos para tal. (MALINOWSKI, 1994).

Segundo Reich (1988a), o arranjo dos casamentos entre as lideranças da sociedade trobriandesa constituía a gênese da repressão sexual naquela sociedade. Já em nossa sociedade, essa repressão dá-se pela supressão, desde muito cedo, da liberdade sexual, a qual garante ao poder vigente sua manutenção, na medida em que acarreta em uma perda ampla e generalizada da liberdade total do indivíduo.

“A miséria sexual na sociedade autoritária e patriarcal é o resultado da negação e repressão sexuais, que lhe são intrínsecas e provocam a estase sexual, a qual por seu lado produz as neuroses, as perversões e o crime sexual.” (REICH, 1988a, p. 29).

A “conveniência” da interdição da sexualidade, segundo Reich (1986), aos propósitos capitalistas residem na instalação de uma ausência de opinião pessoal, nos jovens, com a proibição da experiência com seu próprio corpo e prazer, a qual os inabilita a protestar, a desenvolver um espírito crítico e a dessa forma, questionar a moral social em vigor. Repressão sexual exige energia e isso lesa o desenvolvimento da atividade, da razão, da crítica. Por outro lado, uma sexualidade expandida, sã e vigorosa gera liberdade, atividade, criticidade.

Quando o jovem está frustrado sexualmente, quer dizer, quando sofre com a sua insatisfação sexual, ele supera, quando é saudável, os obstáculos que o refreiam ou então, o que é muito mais corrente, por causa da repressão sexual infantil anterior, ele recalca a sua sexualidade. (REICH, 1986, p. 67).

Reich (1986, p. 10), concordando com a ideia de que, dada a ordem social predominante, o problema da sexualidade na adolescência tornou-se central, afirma: “A juventude tem mais que um simples direito à ‘informação’,



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

13

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. A vida sexual nos anos da juventude: da análise reichiana sobre a moral patriarcal à atual proposta de orientação da sexualidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

ela tem plenamente direito à sua sexualidade”. Salaria a necessidade da orientação sexual dos jovens, para que possam lutar na sociedade pelo direito à sua sexualidade. Tal orientação, segundo ele, deveria partir de informações baseadas na verdade dos fatos, possibilitando assim uma vida sexual mais saudável e satisfatória, ao abordar o problema do ponto de vista econômico e não pela ótica moralista. Por econômico, Reich (1986) referencia a administração da energia biológica por meio de todo e qualquer investimento na saúde do organismo, que passa também pelo prazer sexual equilibrado e pela adequada satisfação da genitalidade.

No entanto, a ideia de educação da sexualidade pode levar à tentativa de se adaptar uma função que por si só, respeitando-se sua qualidade natural, poderia ser autorregulada. Por isso Reich (1988b, p. 95) afirma: “[...] é quase impossível um compromisso no campo da educação sexual porque o impulso sexual obedece às suas leis inerentes”. Segundo o autor, o que primeiramente se deve definir, quando se trata de prover jovens de esclarecimentos sobre a sexualidade, é a própria atitude de quem educa em relação a esta função: se é afirmativa ou se nega a sexualidade; se está contra ou a favor da moral sexual predominante. Nesse sentido, Reich (1988b) fala sobre “educação sexual negativa” e “educação sexual afirmativa”. Afirmar a sexualidade é afirmar a própria vida. “É preciso auxiliar a afirmação da vida, em sua forma subjetiva, como afirmação do prazer sexual [...]. A afirmação da vida tem de ser conquistada organizadamente. O medo do prazer do homem é seu inimigo estrutural mais forte”. (REICH, 1988b, p. 309).

No entanto, a história revela que, o início do século XVIII, em suma, demarcou uma nova ética a respeito da sexualidade. Em decorrência da separação entre Igreja e Estado, houve a migração da Educação, antes sob responsabilidade da Igreja, para a escola, da mesma forma que o controle sobre a sexualidade, exercido até então pela confissão, passou a ser assunto médico. Na intersecção desses três “territórios” – Igreja, Estado, Escola – a sexualidade permaneceu impregnada dos interesses religiosos. Ao Estado – organização capitalista interessada em estabelecer suas riquezas por meio do aumento da população e da manutenção da mão de obra para o trabalho – e à



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

14

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. A vida sexual nos anos da juventude: da análise reichiana sobre a moral patriarcal à atual proposta de orientação da sexualidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Escola – representante do Estado – coube a mesma tarefa: perpetuar o que até então a Igreja já pregava ao afirmar que o sexo deve circunscrever-se à função da procriação. Em seu lastro, a Medicina, confirmando o sexo como ciência, focalizou a ação sobre a função natural – sexo para reprodução – negligenciando a subjetividade da sexualidade. À família, por sua vez, foi delegada a função de zelar pela manutenção do sexo como voltado à procriação, objeto da ciência e instrumento de crescimento demográfico. (FOUCAULT, 1985; NÓVOA, 1995, *apud* BATISTA, 2008; SOUZA, 1997).

Para acrescentar ainda mais um elemento a esse dilema, no caso brasileiro especificamente, a educação sexual tornou-se imprescindível, sendo incluída nos currículos escolares, em um momento de necessidade de se estabelecer uma política de planejamento familiar. (MÜLLER, 2005).

Nesse panorama, escola e família perpetuaram uma abordagem biológica do sexo e, dessa forma, alcançaram os objetivos religiosos, científicos e estatais a elas impostos.

Mas a sexualidade – experiência humana com o prazer, de um modo amplo, e com o sexo no intercursos genital – não desaparece com a opção de controlá-lo ou mesmo de negligenciá-lo nas instâncias educacionais e familiares, bem como em outras organizações da sociedade.

[...] a informação sobre o sexo destinada à criança, por meio dos manuais de educação sexual, se apoia na fisiologia do aparelho genital, de forma tal que qualquer criança percebe que um livro educativo explica tudo, menos (felizmente) o prazer (ou a angústia) do exercício da sexualidade. (SOUZA, 1997, p. 20).

De quando em quando, família e escola confundem-se em suas responsabilidades perante a sexualidade e, mais do que isso, procuram delegar uma à outra a responsabilidade sobre abordá-la com as crianças e com os adolescentes. Enquanto se digladiam consigo mesmas e entre si, escola e família são tomadas de assalto pelas emergentes manifestações da sexualidade e, nesse momento, não raro recorrem ao mecanismo apontado por Foucault (1985, p. 10): “[...] interdição, inexistência e mutismo.”

Ao mesmo tempo, escola e família acumulam ainda a necessidade de evitar a maternidade e a paternidade precoces e o controle de pandemias



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

15

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. A vida sexual nos anos da juventude: da análise reichiana sobre a moral patriarcal à atual proposta de orientação da sexualidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

modernas, como é a infecção por HIV, abordadas no início. Reforça-se, assim, ainda mais, o caráter persecutório de muitos pais e educadores ao se deparar com a sexualidade daqueles que estão sob seus cuidados.

A escola, muitas vezes, assume uma responsabilidade indubitavelmente muito maior do que deveria lhe caber. Desinteressante, ilhada num mundo vertiginosamente mais amplo, encontra enormes dificuldades em alcançar os adolescentes, seja em relação à sua sexualidade ou em muitos outros assuntos. A escola, ao representar uma família ainda sem uma nova identidade pós-patriarcal, tem dupla função em relação à sexualidade: encaminhá-la ao padrão até então considerado “normal” (heterossexual) e, ao mesmo tempo, contê-la, para que se adie sua experimentação para a vida adulta, como é correto e desejável do ponto de vista da sociedade. Para conter a sexualidade das crianças e dos adolescentes, a vigilância sobre estes é redobrada. O resultado não é a supressão da sexualidade, mas a perda de sua espontaneidade.

As perguntas, as fantasias, as dúvidas e a experimentação do prazer são remetidas ao segredo e ao privado. Através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle. Acreditando que as questões da sexualidade são assuntos privados, deixamos de perceber sua dimensão social e política. (LOURO, 2007, p. 27).

De todo esse quadro, resulta que, entre professores pesquisados pela Editora FTD em 1989, “[...] 75,9% acreditam não ter tido formação profissional para lidar com a sexualidade das crianças” (GTPOS; ABIA; ECOS, 2004, p. 20-21).

Atualmente, o programa Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), implementado pelos Ministérios da Educação e da Saúde, pretende facilitar ainda mais o acesso a preservativos masculinos – já existente nas escolas, mas ainda restrito em termos de alcance – por meio da instalação de dispensadores e implantação de projeto pedagógico concomitante em orientação sexual, de forma a reduzir a situação de vulnerabilidade em que se encontram os jovens, em sua exposição à gravidez precoce e à infecção por DST/HIV/AIDS. (BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

16

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. A vida sexual nos anos da juventude: da análise reichiana sobre a moral patriarcal à atual proposta de orientação da sexualidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Saúde, 2006). Essa medida tem causado polêmica antes mesmo que se concretize como política pública, posto que algumas instâncias da sociedade afirmam que com esta medida se estaria estimulando a sexualidade entre os adolescentes pela distribuição de preservativos. A palavra distribuição, vale frisar, é insistentemente traduzida pelo SPE como disponibilização e garantia de acesso, pois não há como negar que, fale-se do assunto ou não, a sexualidade dos jovens está presente também dentro das escolas.

Assim, voltando à questão de a quem cabe a abordagem sobre a sexualidade – se à escola, à família ou a outras instituições sociais – resta afirmar que é somente em um esforço conjunto que se poderá superar uma visão preconceituosa e uma atitude persecutória – e por isso, controladora – com relação ao corpo, ao desejo, ao sexo em sua função de equilíbrio vital e à sexualidade como direito e exercício de liberdade e cidadania.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M. P. S.; MOREIRA, J. A. A.; CONFORTO, M. T. A. Educação Sexual ou Orientação Sexual? **Saúde na Escola** 2, 2001. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2001/se2/se2txt1.htm>>. Acesso em 30/10/2007.

BATISTA, C. A. **Educação e sexualidade**: um diálogo com educadores. São Paulo: Ícone, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: orientação sexual. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1998a. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>>. Acesso em: 19/02/2009.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1998b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>>. Acesso em: 21/02/2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Edital nº 01/2006**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em:



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

17

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. A vida sexual nos anos da juventude: da análise reichiana sobre a moral patriarcal à atual proposta de orientação da sexualidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN - 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

<<http://www.aids.gov.br/data/documents/storedDocuments/Edital%20%20Pr%EAmio%20vers%E3ofinal.pdf>>. Acesso em: 2/9/2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de vigilância em saúde. Programa Nacional de DST e Aids. **Boletim Epidemiológico** - Aids e DST. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. Disponível em <http://www.aids.gov.br/data/documents/storedDocuments/%7BB8EF5DAF-23AE-4891-AD36-1903553A3174%7D/%7B721527B6-FE7A-40DF-91C4-098BE8C704E0%7D/Boletim2007_internet090108.pdf>. Acesso em 04/09/2008.

CAVALCANTI, L. B. Retratos da adolescência. **O olhar adolescente**. Os incríveis anos de transição para a idade adulta. *Mente e Cérebro*. São Paulo, v. 1, p. 6-7, [2008?].

DADOORIAN, D. Desejo de ser mãe. **O olhar adolescente**. Os incríveis anos de transição para a idade adulta. *Mente e Cérebro*. São Paulo, v. 1, p. 88-89, [2008?].

FIALHO, M. Cuidados e precauções. **O olhar adolescente**. Os incríveis anos de transição para a idade adulta. *Mente e Cérebro*. São Paulo, v. 1, p. 92-98, [2008?].

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GRUPO DE TRABALHO E PESQUISA EM ORIENTAÇÃO SEXUAL (GTPOS); ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA INTERDISCIPLINAR DE AIDS (ABIA); CENTRO DE ESTUDOS E COMUNICAÇÃO EM SEXUALIDADE E REPRODUÇÃO HUMANA (ECOS). **Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia**. 10ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

LOURO, G. L. **O corpo educado**. Pedagogias da sexualidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MALINOWSKI, B. **Estudios de psicología primitiva**. Barcelona: Altaya, 1994.

MÜLLER, R. C. F. Gênero e sexualidade nos cadernos de pesquisa (FCC): de 1971 a 2004. In: GROSSI, Miriam Pillar et al. **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 239-266.

OBSERVATÓRIO REGIONAL BASE DE INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE. **Indicadores do Milênio 2009**. Paraná e Mesorregiões. Sistema FIEP; SESI; IPD; Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial: Curitiba, 2009.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

18

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. A vida sexual nos anos da juventude: da análise reichiana sobre a moral patriarcal à atual proposta de orientação da sexualidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

PINTO, H. D. S. A individualidade impedida: adolescência e sexualidade no espaço escolar. In: AQUINO, J. G. **Sexualidade na escola**. Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

REICH, W. **Bambini del futuro**. Milão: SugarCo, 1983.

REICH, W. **O combate sexual da juventude**. São Paulo: Epopéia, 1986.

REICH, W. **As origens da moral sexual**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988a.

REICH, W. **A revolução sexual**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988b.

SILVA, J. L. P.; ROSSI, D. Mães antes do tempo. **O olhar adolescente**. Os incríveis anos de transição para a idade adulta. *Mente e Cérebro*. São Paulo, v. 1, p. 84-91, [2008?].

SOUZA, M. C. C. Sexo é uma coisa natural? A contribuição da psicanálise para o debate sexualidade/escola. In: AQUINO, Julio G. **Sexualidade na escola**. Alternativas teóricas e práticas. 4ª ed. São Paulo: Summus, 1997.

TAVARES, E. E. Encontros e desencontros. **O olhar adolescente**. Os incríveis anos de transição para a idade adulta. *Mente e Cérebro*. São Paulo, v. 2, p. 30-37, [2008?].

UNITED NATIONS ORGANIZATION. Joint United Nations Programme on HIV/AIDS. World Health Organization. **AIDS epidemic update**. New York: United Nations Organization, 2007. Disponível em: <http://data.unaids.org/pub/EPISlides/2007/2007_epiupdate_en.pdf> Acesso em: 04/09/2008.

UNITED NATIONS ORGANIZATION. United Nations Population Fund. **AIDS clock**. Young people. New York: United Nations Organization, [2009?]. Disponível em: <http://www.unfpa.org/aids_clock/index.html>. Acesso em: 21/02/2009.

AUTORAS

Sandra Mara Volpi/PR - CRP-08/5348 - Psicóloga, Especialista em Psicologia Clínica, Psicopedagogia, Psicoterapia Infantil, Psicologia Corporal e Análise Bioenergética (CBT, Local Trainer). Mestranda em Tecnologia (Universidade Tecnológica Federal do Paraná). Diretora do Centro Reichiano - Curitiba/PR.
E-mail: sandra@centroreichiano.com.br

Sonia Ana Charchut Leszczynski/PR - é graduada em Psicologia, Master of Arts pela University of Iowa, PhD in Education pela University of Iowa, Professora Associada da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
E-mail: soniana@utfpr.edu.br